

SÁNCHEZ REI, XOSÉ MANUEL
O PORTUGUÊS ESQUECIDO. O GALEGO E OS DIALECTOS
PORTUGUESES SETENTRIONAIS

Laivento, 2022, 2.^a ed., 619 pp.

Xosé Ramón Freixeiro Mato*
ramon.freixeiro@udc.gal

No ano de 2021 saiu do prelo uma obra fundamental para o conhecimento da linguagem popular e dialetal das regiões portuguesas mais setentrionais e as suas equivalências com os falares galegos, tema que já tinha despertado o interesse do autor em trabalhos anteriores, embora de menor abrangência. A necessidade, a oportunidade e a valia de uma obra como esta ficam corroboradas pelo facto de que num curto período de tempo, nos inícios de 2022, já foi realizada uma segunda edição, sucesso nada habitual para um trabalho de pesquisa filológico-linguística de tal extensão e profundidade. A obra insere-se numa linha de investigação mais ampla em que o autor tem trabalhado ao longo da sua vida académica, nomeadamente os estudos sobre variação dialetal.

O livro centra-se principalmente nos anos finais do século XIX e nos primórdios do XX, justamente em épocas em que a influência do padrão lisboeta não se sentia com tanta intensidade como na atualidade. Como resultado desse estudo, o que se pode verificar é que muitos traços fonéticos, gramaticais e lexicais que no nosso tempo são característicos da língua galega ou que inclusive fazem parte da sua norma culta em vigor correspondiam naquela altura – alguns chegam mesmo à atualidade – a fenómenos também próprios de algumas dessas falas lusitanas. É o caso, por exemplo, da pronúncia aberta da vogal <a> seguida de consoante nasal, da ausência de nasalidade em posição final de palavra (*home*, *virge*, *viage*, *onte*), da acentuação paroxítona de formas verbais como *estudavamos* e *estudavades*, de flexões de género e número do tipo de *o irmam* → *a irmam* → *os/as irmans* ou *coraçom* → *coraçons*, dos pronomes pessoais *el*, *che* ou *vós* e do demonstrativo *aquel*, de formas verbais flexionadas como *imos*, *andades*, *andache* ou *foche*, dos advérbios *abofé* ou *velaqui*, e de palavras lexicais como *acadar*, *auga*, *açucres*, *almoçar* e *almorço*, *anho*, *berce*, *castinheiro*, *cerdeira*, *crego*, *cunca*, *eido*, *legom*, *pataca*, *pita*, *péxego*, *sandar*, *traquer* ou *xordo*. Todas estas formas linguísticas, e muitas outras, são variantes que o processo de standardização do português, com o centro geográfico posto no eixo entre Lisboa e Coimbra (ou mais propriamente em Lisboa), foi condenando a partir das gramáticas quinhentistas por serem identificadas com as falas nortenhas e com o galego.

* Grupo de Investigación Lingüística e Literaria Galega (ILLA) / Universidade da Coruña, Galiza
ORCID: 0000-0003-1751-4561

Contudo, muitos desses elementos linguísticos conseguiram sobreviver até às primeiras décadas da centúria precedente e alguns deles mesmo até ao período atual. Desse modo, a maior parte deles ficou documentada em obras clássicas dos estudos linguísticos portugueses e também em textos de procedência tradicional como narrações, romances ou cantares. Nesse labor de documentação, registo e estudo de fenomenologias linguísticas nortenhas desempenhou um papel fundamental o etnógrafo, dialetólogo e filólogo José Leite de Vasconcellos, bem citado e ponderado nesta obra. Ele coligiu grande quantidade desses fenómenos e em muitas ocasiões os pôs em relação com o galego e com a Galiza. É a partir desses trabalhos de Leite de Vasconcellos e de muitas outras fontes documentais que Sánchez Rei constrói esta relevante obra de pesquisa e análise, de cuja leitura atenta pode deduzir-se que o português corrente de hoje, nomeadamente na sua modalidade estandardizada, se esqueceu de todo aquele manancial de linguagem popular e dialetal de procedência galaica. Também essa leitura convida a perguntarmos o que teria acontecido se a corte lusa não se deslocasse de Guimarães para o sul e se esses falares nortenhos conformassem a base do padrão português atual. Parece evidente que este estaria muito mais próximo do galego hodierno.

A obra está estruturada em seis capítulos. O primeiro leva por título “Fronteiras políticas, lingüísticas, socioculturais e dialectoloxía” (pp. 27–72) e opera a modo de introdução geral a respeito do espaço sociocultural, linguístico e comunicativo conformado pela Galiza e o norte de Portugal. Nele presta-se atenção aos fatores de caráter histórico e cultural que definem este espaço; e de modo singular atende o autor à “densidade” de comunicação (pp. 61–66) que se estabelece entre ambos os lados da fronteira, aspeto fulcral para fundamentar a intensidade das relações linguísticas entre um lado e outro do Minho. Finaliza o capítulo com um igualmente oportuno “estudo das variedades lingüísticas” (pp. 66–72), de maneira que em conjunto o leitor fica fornecido dos conhecimentos contextuais precisos para se adentrar nos conteúdos da obra, bem estruturada e redigida num galego exemplar.

O capítulo 2, “Os estudos de dialectoloxía galego-portuguesa desde o século XVI até aos inícios do século XX” (pp. 73–211), avança em extensão a respeito do primeiro e introduz-nos no percurso dos estudos dialetológicos levados a cabo em Portugal (pp. 73–155) e na Galiza (pp. 171–195), a singularizar entre eles o caso de Leite de Vasconcellos, com atenção a questões metodológicas e à sua proposta de classificação dialetal (pp. 155–171), por um lado, e à sua relação específica com o galego (pp. 195–211), por outro. Neste capítulo já se levantam as questões relativas às variantes linguísticas galegas e portuguesas, bem como a esse *continuum* dialetal que passa por cima da fronteira política e que dá origem a posicionamentos e polémicas relativos à consideração de galego e português serem duas línguas diferentes, uma mesma língua ou codialetos, hipótese leiteana que se tornou grata para alguns estudiosos galegos que defenderam a unidade linguística galego-portuguesa, como o professor Carvalho Calero. Porém, lamenta o autor do livro que, após

150 anos de a dialetologia se tornar disciplina filológica, Portugal não disponha ainda “dun atlas lingüístico que abranxa todo o territorio, como se verifica noutras nacións veciñas, entre elas a Galiza” (p. 165).

Os três capítulos seguintes centram a sua análise nos grandes planos da estrutura interna das variantes linguísticas em foco. O menos extenso deles é o 3, “Cuestións fonéticas e fonolóxicas” (pp. 213–278), que estuda os fenómenos que afetam o vocalismo e o consonantismo em dupla perspetiva: aqueles que se podem julgar como tipicamente dialetais e os que são próprios da linguagem popular. O levantamento de casuísticas é amplo e estas ficam bem documentadas, com abundante e esclarecedora exemplificação, traço que caracteriza igualmente os dois capítulos seguintes. O mais extenso é o número 4 (“Cuestións morfosintácticas”, pp. 279–423); entre os “Aspectos morfolóxicos” (pp. 279–367) aparecem estudados casos como o do sufixo *-çom* e terminações afins, que possui grande relevância na diferenciação atual entre o galego e o português, mas também são tratados diversos fenómenos relativos à flexão nominal e verbal, às diferentes tipologias pronominais e a elementos gramaticais sem flexão. A respeito dos “Aspectos sintácticos” (pp. 367–423), o autor começa por se referir à presença nas falas portuguesas do norte de *vós* como pronome de segunda pessoa de plural e de *che* como forma de dativo, devendo destacar-se, entre os usos deste, o que em galego é conhecido como dativo de solidariedade e considerado traço singular e exclusivo dele (*O meu fillo éche moi alto*); ainda em relação aos pronomes átonos, também analisa alguns aspetos particulares da colocação dos clíticos, entre os que atesta a maciça presença da interpolação pronominal (*Inda me aqui apareces*) em fontes documentais de ambos os lados do Minho, bem como a existência de casos de próclise pronominal em posição inicial absoluta no romanceiro tradicional do norte de Portugal, talvez por “posíbel influencia da sintaxe española” (p. 393). Documenta igualmente esta obra casos comuns de estruturas sintáticas com redobro de clítico (*Interpretou-lhe à amiga uma melodia antiga*), construções de tipo *ir + em + frase nominal* (*Vai na casa*) de sentido locativo e direcional, outras construções transitivas com objeto direto preposicional (*Eu fumo no meu cigarro*) ou casos de uso do pronome tónico de terceira pessoa singular como sujeito de verbos climatológicos (*Ele já orvalha*), além de usos também comuns a ambos os lados do rio Minho de certos valores do pretérito-mais-que perfeito simples, de alguns complexos verbais, perifrásticos ou não, do tipo de *dever de + verbo*, com valor obrigativo, *imos a andar / andando, está a sonhar / sonhando*, etc., ou usos coincidentes de partículas discursivas como *ho, hom* e outras mais discutíveis como *ou* e *oxalá*. Pode-se dizer, em síntese, que este é um capítulo de grande utilidade para o conhecimento da gramática comum subjacente nas falas populares tradicionais da Galiza e do norte de Portugal.

Para completar a análise dos traços linguísticos comuns ao galego e aos dialetos portugueses setentrionais não podia faltar um capítulo dedicado ao léxico e à semântica, ainda a partir do princípio de que duas variedades linguísticas tão próximas por boa lógica devem partilhar um amplo fundo lexical comum. O capítulo 5 (“Cuestións semântico-lexicais”, pp. 425–549) começa com umas interessantes e oportunas “Consideracións

xerais” (pp. 425–441) em que se ponderam diferentes unidades lexicais que não costumam fazer parte do padrão português, como é o caso de alguns termos, geralmente pertencentes ao âmbito da fala popular, que são capazes de ampliar a sua esfera semântica para além dos usos rurais, mesmo com presença relevante em textos literários galegos pelo seu carácter diferencial face ao espanhol, e que também são conhecidos “en falares portugueses rexionais” (p. 429). Enriquece-se este capítulo com um amplo vocabulário de termos com significado total ou parcialmente partilhado nos dois lados do rio, que acaba por conformar um pequeno dicionário específico das falas galegas e portuguesas do norte (pp. 447–487), ou com outras palavras, do velho património linguístico comum, perfeitamente anotado com relação ao seu registo em dicionários clássicos galegos e à sua documentação em textos de origem tradicional portuguesa. Tal esforço compilatório outorga ao livro um valor que acrescenta os seus já muitos méritos; e ainda se complementa com outra recompilação, destacadamente menor, de vocábulos com diferente significação (pp. 489–491), seguida de pertinentes comentários a respeito de diversas questões lexicais. Continua o capítulo com outra interessante secção que analisa a influência do espanhol no léxico, e mesmo em âmbitos gramaticais, do português setentrional (pp. 511–543), tema oportuno e necessário num trabalho deste tipo pela generalizada presença de espanholismos também nas falas galegas; estas interferências da língua de Castela, bem conhecidas e estudadas no galego, não receberam tanta atenção no caso do português, apesar dos relevantes contributos do professor Fernando Venâncio. Termina o capítulo com uns “Posíbeis casos de léxico arcaico” (pp. 544–549) em que se ponderam formas como *aquestar*, *fermoso*, *suidade*, *preguntar*, *palomba* ou *entonces*, ocasional e convenientemente atestadas nas fontes documentais da área geográfica posta em foco nesta magna obra.

Num último capítulo (“Conclusións”, pp. 551–566) o autor realiza algumas reflexões de interesse, entre as quais singularizamos a que deixou para o final e que já fora sugerida: “Como se enformaría a variedade modelar lusitana se, en vez do eixo Lisboa-Coimbra, se erixise como ámbito de poderío económico, cultural e sobre todo político a rexión de Guimarães-Porto ou aínda Braga-Bragança?” (p. 566). Pergunta esta que sempre tem despertado interesse e curiosidade ao norte do Minho e que se poderia ampliar a como seria hoje o padrão culto do galego se finalmente na Baixa Idade Média tivesse triunfado na Galiza o movimento político defensor da separação de Castela e da união com Portugal. Esta questão torna-se hoje ainda mais presente após a publicação de *Unha etapa estelar e conflitiva de Galiza (a segunda metade do século XIV)*, de Francisco Rodríguez, em que se mostra muito esclarecedoramente a manipulação e ocultação da verdadeira história da Galiza medieval por parte da historiografia oficial espanhola, para dessa forma a pôr ao serviço do ideal castelhanista.

A conclusão final que se pode tirar da leitura deste livro, bem documentado e elaborado com todo o rigor científico, é que nem o português deve ser essa língua que esqueceu o seu passado, ou que o renegou, nem o galego pode viver de costas viradas para uma história linguística comum com Portugal, vantagem que poderia aproveitar muito melhor como garantia do seu futuro. Para o necessário reconhecimento entre as falas de

aquém e além Minho seria muito conveniente a divulgação desta obra, uma das mais importantes da filologia galego-portuguesa dos últimos tempos, não só na Galiza, mas também em Portugal e em todo o âmbito lusófono ou galegófono.

[recebido em 13 de junho de 2024 e aceite para publicação em 25 de junho de 2024]